

## AÇÃO, PERFORMANCE E DRAG QUEEN – O QUE PODE A DRAG QUEEN ENQUANTO PROGRAMA DE AÇÃO?

**Palavras-Chave:** Teatro, Performance, Drag Queen, Corpo, Ação Performática, Programa de Ação.

**Autores/as:**

**PEDRO ALVARES RIBEIRO [UNICAMP]**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> MARIA ALICE POSSANI (orientadora) [UNICAMP]**

---

### UMA BIXA PANDÊMICA DECIDE SAIR ÀS RUAS

*“Refraseando: se o performer evidencia corpo é para tornar evidente o corpo-mundo”  
(FABIÃO, 2009)*

Estar do lado de fora é uma experiência completamente outra. Completamente transformadora a aparição e experimentação de uma pandemia global, caos mundial. Todes sofrendo por dentro por todas as razões. E estar do lado de fora novamente é uma experiência completamente outra. Novos dados em violência, novas situações de assédio moral e psicológico, novos pitboys andam pela rua, à deriva. Novos são, também, os entendimentos e percepções acerca da pesquisa – o programa de ação e a drag queen, o que poderia ser a união dos dois.

No dia 26 de junho, um homem assovia para mim na rua, me chama com a cabeça, faz com que eu me aproxime, para depois me humilhar, xingar e ameaçar quebrar todos os meus dentes. No dia 01 de julho, atiram em mim uma mexerica na estação da Luz, em São Paulo. No dia 16 de julho, dois taxistas do aplicativo de corridas 99 se recusam a realizar o transporte de meu namorado e eu depois de simplesmente nos olhar. Essas são algumas das repetições que reafirmam o lugar do meu corpo no mundo, quem é, de onde vem.

Parte de tudo isso me faz colocar novas questões sobre como tratar o programa performativo. Como, em 2022, ser uma drag queen na rua, escrevendo seus FORAs ou caminhando à deriva até a mesa de um bar? Em coletivo ou sozinha? Para si ou para o mundo?

**Cabral** surge de uma pista do mundo para comigo, Pedro, às vezes Cabral. Cabral, cabra, demo, descoberta, invasão. Gênero é uma invasão dos corpos, assegura de que esses somarão à estrutura, viverão o trajeto por dentro, para dentro, para fazer a roda girar. Por descuido do destino, de meus pais, meu nome carrega uma combinação conhecida:

“PEDRO” + “ALVARES”. CABRAL me invade como desestruturação, toma os símbolos e descatequiza. Figurinos tornam-se objetos cotidianos, novas peças e objetos invadem o armário. É um vírus desprogramador, um ser esquisito que se manifesta em outros sintomas corporais, que desestabiliza os órgãos de meu corpo e me transforma em ser de ambulância inútil ao capital. Pedro torna-se bixa – fato que se esquece e se relembra com certa constância.

## **SE CORPO É TEMA E É MEIO, FAZ-SE NECESSÁRIO PERGUNTAR: O QUE É CORPO?**

Ao longo da pesquisa de iniciação científica, a questão “o que é corpo?” surge com alta frequência. O que é o corpo drag? O que é corpo? Eleonora indica como “coletivo” todos os corpos que, em conjunto, formam um corpo. “É só sobre articulações sobre todos os tipos de corpos o tempo todo” (FABIÃO, 2022), comenta em entrevista. A palavra “articulações” importa.

Preciado descreve acerca do processo de montagem em um *dispositivo drag king*:

*Sujeito-ficção em um flash: o cabelo colado sobre o rosto de uma mulher cis permite imaginar a possibilidade de outra vida. Talvez porque colar cabelo ofereça de forma acelerada uma imagem do que a administração de testosterona produz em um corpo de mulher cis depois de quatro ou seis meses. Tal artifício não é, portanto, apenas uma máscara, um disfarce, pura exterioridade, mas a revelação de uma possibilidade farmacopornográfica já existente em meus genes e capaz de adquirir significação cultural e política (PRECIADO, 2018, p.385).*

Articulação de corpos para que se forme um novo corpo. Coletivo de matérias, corpos acoplados. A arte drag é uma arte de corpo que se faz com o próprio corpo. Corpo é tema e corpo é meio, nesse sentido. No momento em que acopla materialidades “externas” ao corpo, é como se revelasse a potência de si própria, o que é, o que poderia ser, o que pode vir a ser. A articulação entre corpos produz essa sensação. Permite a existência enquanto sujeito-ficção, na desarticulação do natural, na escovação à contrapelo do que se espera sobre o gênero designado ao nascer de uma pessoa. “Trata-se de buscar maneiras alternativas de lidar com o estabelecido, de experimentar estados psicofísicos alterados, de criar situações que disseminam dissonâncias diversas” (FABIÃO, 2009, p. 234). Na cena-não-cena, no cotidiano, a experimentação de corpo drag permite “entender nossas identidades sexuais como efeitos traumáticos de um violento sistema biopolítico de sexo, gênero, sexualidade e raça e elaborar novos mitos que nos permitam interpretar o dano psicopolítico, nos dando a coragem necessária para a transformação coletiva” (PRECIADO, 2018, p. 396). Essa é a potência da drag, dos corpos, da carne, da performance, da ação no mundo.

Eleonora completa a pergunta respondendo que o corpo é “inacabado, ou ainda, inacabável, provisório, parcial, participante – está, incessantemente, não apenas se transformando, mas sendo gerado” (FABIÃO, 2009, p.238). A performer paulistana Aun Helden pensa corpo partindo de uma ideia de relação e de processualidade semelhantes. Em conversa, refaço a pergunta a ela. Aun diz:

*“Eu estou num processo de entender as esculturas que faço, as minhas próteses, como corpo também. Dar um sentido para coisas que não são humanas. Corpo. Bactérias, fungos e todas essas figuras não-humanas. Elas não apenas são corpo, mas sabem lidar com o nosso corpo muito melhor do que o próprio ser humano, porque sabem utilizar da imensa informação que um corpo carrega. Eu acho que uma das maiores falências da estrutura humana é justamente não saber lidar com o corpo e as possibilidades que um corpo carrega. A negação de ter um corpo é muito enraizada em nossa cultura. Ser um corpo binário, com um destino, homem-mulher, isso já aniquila imensas possibilidades do que um corpo pode ser ou carregar. [...] Talvez o corpo seja tudo aquilo que esteja suscetível a se transformar. A transformação é uma resposta para tudo.”*

## **PROGRAMAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No dia 28 de novembro de 2021, juntamente ao “Grupo Onqotô de Artes Integradas”, coletivo artístico do qual faço parte, realizei o programa performativo *dispositivo drag* - nome dado em referência ao *dispositivo drag king*, de Paul B. Preciado. A ação é realizada em um coletivo de cinco pessoas e muitas malas de roupas. O enunciado pede:

*A ação se inicia em espaço privado, para depois tomar as ruas. É necessário que as participantes levem consigo materiais dos mais diversos para realizar a montAÇÃO - sempre considerando o exagero, o “camp”, a extravagância, etc. Os materiais serão compartilhados por todas durante o programa.*

### **movimento um - abrir caminhos**

*O espaço é limpo coletivamente, os objetos ali presentes são afastados para que se estabeleça um espaço vazio - trampolim para a criação de outros universos. Enquanto isso, conversa-se sobre todas as coisas, assuntos e tramas que surjam no momento.*

*Com o espaço estabelecido, as presentes sentam-se em roda. Cada uma responde a pergunta ‘como estou hoje?’ da maneira como quiser, com o tempo limite de um minuto. Passado o tempo, a palavra é concedida a outra, até que todas tenham respondido.*

### **movimento dois - trama densa e campy**

*Inicia-se uma nova conversa, em que se discutem os efeitos e atravessamentos de gênero e sexualidade sobre os corpos de cada uma. Cria-se um espaço de fala que também é espaço de*

*escuta. É de extrema importância que todas se sintam confortáveis para descrever suas experiências, mas também para escutá-las.*

*Esta conversa ocorre aos moldes de um jogo da garrafa - aquele mesmo em que alguns jovens e adolescentes descobrem pela primeira vez alguns aspectos de sua sexualidade. Existe uma caixinha com perguntas elaboradas pelas participantes, acerca desses comportamentos de gênero. uma pessoa gira a garrafa e sorteia uma pergunta para quem a garrafa apontar. A pessoa responde, gira a garrafa, pergunta a uma nova pessoa e assim o jogo acontece.*

#### ***movimento três - desidentificação***

*Após um tempo de conversa, iniciamos os procedimentos de montagem. Criam-se próteses, enchimentos, looks, penteados e maquiagens. Algumas partes do corpo são grosseiramente invisibilizadas, enquanto outras ganham destaque. Os novos corpos que aqui se criam não são produzidos individualmente, mas em coletivo e sem gênero especificado. Drags nascem. Cada uma será presenteada com um novo corpo, parte de um futuro corpo coletivo. Criam-se sujeitos-ficção, permitindo outras possibilidades de vida e corporalidade. O tecido denso de vozes construído no movimento anterior é materializado.*

#### ***movimento quatro - um coro drag invade a cidade***

*Ocorre uma deriva. O coro drag caminha e inventa caminhos [aqui, especificamente para a ação a ser realizada no dia 28 de novembro de 2021 junto do grupo onqotô de artes integradas, o caminho será da moradia da unicamp ao corpo criado e enterrado um ano antes, como forma de manter vivas as ideias tecidas durante o projeto “para tempos de incerteza”]. Abre-se espaço para o que quiser que aconteça durante o caminho. É possível que se dancem os nossos mortos, ou que se aponte o dedo, sussurre, grite risadas e gargalhadas, insultos, encantos. Aqui, percebemos a nós e aos outros como bioficções de gênero mais ou menos realistas; caricaturas mais ou menos conscientes de si.*

#### ***movimento cinco - aquecimento ou liminaridade bixa***

*O coro festeja. Um encontro acontece como parte final deste programa. Pode ser em um bar ou boate, festa clandestina ou legalizada, trans ou cis, sapa ou bixa. Ou/E. Deixar que novas relações floresçam. Descansar das antigas normas. Reencontrar-se com o mundo à essa nova forma, exageradamente inhumana.*

#### ***movimento seis - readequação***

*O coro retorna ao espaço inicial, agora tomado por novas energias e substâncias de ativação psicofísica. Coletivamente as drags são desmontadas, banhadas e os materiais vestidos tornam-se matérias transfiguradas. Durante 10 minutos, cada uma escreve em um caderno o que vier à cabeça, em fluxo de consciência. Essas palavras são novamente compartilhadas. Cria-se uma nova tessitura de vozes drag.*

No dia 26 de novembro de 2021, realizo a ação FORA, junto de uma caixa de giz e uma testemunha, para me acompanhar e me ajudar caso qualquer problema acontecesse. O enunciado pede:

## FORA

“Caminhar à deriva pela cidade. Levar um giz. Procurar um muro. Escrever nele durante uma hora a palavra ‘FORA’, ir embora. Registro: tirar uma foto do muro e de sua mão ao acabar.”

No dia 24 de abril de 2022, junto de mais três pessoas, uma praça matriz e uma igreja, jogo “SINO”, um jogo de cartas proposto e criado pela Eleonora Fabião.

No dia 11 de maio, junto de mais uma pessoa, duas seringas de coletar sangue e um pedaço de elástico, coletei 13ml do meu próprio sangue.

No dia 18 de maio de 2022, em resposta às situações de violência antes citadas e ao receio de estar na rua, crio uma arma possível, um coração de pedra. Para isso, me acompanham: um coração de pelúcia com braços abertos escrito “eu te amo”, treze pedaços de pedra, agulha e nylon.

Todas as ações deflagram a presença da coletividade e do jogo corpo com corpo. Experiências causam efeitos, memória é ativada quando o corpo move e acontece relação. Algumas ações precisam de mais tempo para decantar e se tornar um novo movimento, um novo estar no mundo. Não se sabe o que vem depois disso.

## BIBLIOGRAFIA

- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BROWNING, Barbara. Cartão-postal. **Ações Eleonora Fabião**, editado por Eleonora Fabião e André Lepecki, Rio de Janeiro: Itaú Cultural, 2015, pp. 282-293.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- COSTA, Paulo A. B. Eleonora e o corpo performativo: poéticas do ato, materialidades do encontro. **Ações Eleonora Fabião**, editado por Eleonora Fabião e André Lepecki, Rio de Janeiro: Itaú Cultural, 2015, pp. 258-268.
- FABIÃO, Eleonora. **Programa Performativo: o corpo-em-experiência**. Revista do Lume: Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais - UNICAMP, Campinas, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea**. Revista Sala Preta/USP, São Paulo, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Corpo Cênico, Estado Cênico**. Contra Pontos, Rio de Janeiro, 2010.
- JUNIOR, Ribamar J. de O. **O empalhamento da performance: a drag queen como cobaia mainstream do parque farmacopornográfico**. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura: Associação Brasileira de Estudos da Homocultura - UFMT, Cuiabá, 2019.
- PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie - Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- QUILICI, Cassiano Sydow. **O Ator-Performer e as poéticas da transformação de si**. São Paulo: Annablume, 2015.
- SILVA, Matheus. **Corpo desembestado: por uma instauração bufona-ciborgue-bixa**, 2021. Tese (Doutorado em Artes). Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2021
- TAYLOR, Diana. Eleonora Fabião: tocando o “ao vivo”. **Ações Eleonora Fabião**, editado por Eleonora Fabião e André Lepecki, Rio de Janeiro: Itaú Cultural, 2015, pp. 270-280.